

A GUERRA COMO VIOLÊNCIA DIABÓLICA DO HOMEM EM ERIC WEIL

THE WAR AS DIABOLIC VIOLENCE OF MAN IN ERIC WEIL

Pina Artur*

E-mail: arturpina343@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-0640-7492>

Resumo: O homem, embora seja animal, não é animal na animalidade. O animal na animalidade nega a racionalidade prática e o humanismo ético na moral concreta da ação, para se tornar violência diabólica. Ou seja, nega a sua essência humanizada para agir como indivíduo da vontade diabólica. O homem da violência diabólica é o homem da guerra. E o homem do humanismo ético é o homem que pretende integrar a animalidade do homem na racionalidade humanizada, através da educação humana baseada na ética da não-violência e da civilização do amor. O artigo apresenta Weil que considera a guerra como violência diabólica e o indivíduo da guerra que deve ser humanizado.

Palavras-chave: Weil. Homem. Animalidade (violência). Racionalidade e humanismo ético.

Abstract: Although, the man an animal, he is not animal at bestiality. The animal at bestiality denies rationality of practice and the ethical humanism on real moral of action to become a diabolic violence. Or he denies his essence of humanization to react as a person with diabolic willing. The diabolic man's violence is the man's war. And the man of ethical humanism is the One who pretends to integrate the rationality of bestiality man of humanization through human education based on non-ethical violence and the love of civilization. This issue, aims Weil who considers the war as diabolic violence and the person of war who can be socialized.

Keywords: Weil. Man. Bestiality (violence). Rationality and ethical humanism.

Cada filosofia quer apresentar-se como uma tentativa de explicar o homem e, por isso, se faz antropologia. Consequentemente, cada filosofia é uma história, porque fala do homem e sobre o homem dentro de um contexto determinado. A filosofia weiliana é fruto de uma consciência histórica da violência sentida violentamente nas duas guerras mundiais diante da barbaridade do nazismo. Hitler representa um regime totalitário nazista da violência diabólica¹, que nega os valores fundamentais e o humanismo ético na transcendente dignidade do ser humano. Eric Weil nasceu em 1904 e morreu em 1977. Foi aluno de Ernst Cassier na Universidade de Hamburgo e transferiu-se para França em 1932, adotando-a como sua Pátria, embora seja de nacionalidade alemã e de origem Judaica.

* É Doutor em Filosofia na Universidade Pontifícia Urbaniana, com a tese intitulada: “Libertação e Superação da Violência em Eric Weil”. Professor do Instituto Superior de Ciências de Educação do Uíje (ISCED-UÍJE).

¹ A violência diabólica é uma possibilidade consciente de rejeitar a racionalidade humanizada e o humanismo ético. O homem da violência diabólica quer um ser humano não ético e uma humanidade sem valores fundamentais.

1. O HOMEM ANIMAL

O que se pode entender por homem animal? O homem animal é o homem que se realiza na guerra violenta. E o homem da guerra é o animal na animalidade. É o homem que nega a razão ética para se realizar como violento da guerra. Quando a animalidade sobe, o homem da guerra comporta-se como todos os outros animais, quando a racionalidade prática sobe, o homem da guerra nega a dimensão do animal, embora faça parte do seu género. O homem animal é o homem que conhece a racionalidade ética, mas age e quer agir na sua animalidade: é o homem da guerra violenta.

O homem, para Weil, é esta dialéctica animal-razão que, age ora como racionalidade prática ora como animalidade. O homem, enquanto age e quer agir como animalidade, nega a sua racionalidade prática. Esta animalidade homem é o homem da guerra, o homem que se nega como pessoa humanizada na prática de agir. Este homem só pensa viver da e para a guerra diabólica². E o homem da guerra na guerra, é o homem desumano no humano.

De que modo se pode racionalizar o homem da guerra? Se a animalidade leva o homem à guerra, é necessário integrar a animalidade do homem na racionalidade humanizada. No entanto, eis a razão por que Kant afirma que “o homem é a única criatura que tem de ser educada” (KANT, 2020, p. 9).

Se o homem humanizado se realiza na acção ética, o homem animalesco realiza-se na acção violenta. Assim, o homem humanizado pressupõe a negação do homem violento. Quem rejeita o homem humanizado, aceita o homem animalizado na violência da guerra, como negação do humanismo. A ser assim, a guerra, enquanto violência na violência, revela a animalidade do homem.

A guerra é a rejeição da filosofia como escolha ética da razão humanizada. A vontade do homem da guerra diferencia-se da vontade do homem humanizado. O homem da razão humanizada aplica a sua racionalidade prática na negação da guerra. O homem da vontade humanizada pode compreender o homem da vontade da guerra, mas o homem da guerra – que nega a compreensão – não compreende o homem humanizado. E o que se pode fazer? Não se pode privar o homem de escolher a razão humanizada, mas pode-se impedir os homens da guerra de matar o homem da razão humanizada, quando o homem da razão humanizada entra em cena (WEIL, 2012).

Assim, a universalidade axiológica do indivíduo, como recusa da guerra, revela a filosofia prática de Weil na contenção ou luta contra a guerra para se encontrar o homem que merece o título de homem no sentido humano (WEIL, 2012). É assim que o homem busca o sentido e a

² A guerra diabólica é a guerra feita com plena consciência destrutiva da Humanidade.

sabedoria para sua vida porque a filosofia, como escolha ética da razão humanizada contra a guerra, não pode separar a vida e o discurso.

Se a guerra pressupõe o homem da guerra, que solução se pode dar ao homem da guerra? A solução está na educação humanista como possibilidade de superação do instinto de guerra no homem da guerra. Por isso, na visão weiliana, todo o esforço da educação à humanização consiste em universalizar o homem da guerra na universalidade moral. O homem pode rejeitar a razão humanizada que o filósofo-educador lhe oferece e não querer saber do discurso humanizado. Ou seja, “o indivíduo sempre pode optar pela violência e recusar o discurso, qualquer discurso, o da lógica da filosofia tanto quanto os outros, e, por conseguinte, é perfeitamente possível que esse discurso seja destruído ou se torne insensato para uma humanidade que vive na violência, que luta com a violência” (WEIL, 2012, p. 126). Assim, a formação humana e a educação humanizada precisam ter uma base humana para que o homem não hesite em sua escolha pelo universal moral.

Ora, Weil defende uma educação humanizada da dignidade da pessoa humana no humanismo ético e nos valores fundamentais. Weil descreve a responsabilidade do médico da humanidade e do Estado político, educador e ético. A responsabilidade do médico da humanidade pressupõe a humanização do homem da guerra para a universalidade moral da acção. Esta humanização somente é possível pela educação humana baseada na ética da não-guerra e na civilização do amor. E o Estado político-educador-ético é o responsável pela política humanizante do homem da guerra na universalidade do humanismo ético.

Se quem se defende de uma guerra faz guerra, a educação racionalizada e humanizada é necessária no homem. A guerra ao serviço da razão é uma guerra diabólica com intenções políticas e violentas. Mas a razão humanizada ao serviço da guerra é humanismo com intenções éticas e humanas. Por isso, o filósofo emprestado à política deve fazer da política a base ética do seu filosofar e criar uma sociedade ético-política e humanizada.

O ser humano educado ao humanismo ético diferencia-se do indivíduo que se deixa guiar pelo mecanismo público da guerra que o instrumentaliza como objecto limitando a sua acção humanizada. Assim, a moral concreta da acção deve estar “ligada à sabedoria do viver no sentido pensado” (MELISSANO, 2017, p. 48). O indivíduo não humanizado, ao humanismo ético, pode agir à maneira da violência diabólica porque se considera força bruta, por sua vez, a sociedade política moderna considera-o como mão-de-obra.

Se o animal homem age com a razão não humanizada, então, a razão não humanizada está ao serviço do homem da violência. Assim, a razão na razão humanizada está ao serviço do homem humanizado, visto que o homem é a razão e a razão humanizada é o homem civilizado (RICOEUR,

2007). Neste sentido, o homem animal não pode ser senão o que nega a razão ética e o discurso racionalizado.

Pois, a animalidade leva o homem à selvajaria da guerra. O homem enquanto animal na animalidade é um ser violento. Na verdade, se este homem é animal na animalidade, não é racionalidade humanizada; se não é racionalidade humanizada, é violento da guerra. Neste sentido, por mais que se eduque um animal à maneira de um homem racional, tal animal não deixa de o ser, porque a sua diferença específica consiste na animalidade³ e não na racionalidade. Aliás, o homem tem necessidade da sua própria razão, porque não tem instinto, mas precisa de ser humanizado como homem enquanto homem racional. Por isso, há motivos para dizer que “a maioria dos animais necessita de alimentação, mas não de cuidados” (KANT, 2020, p. 9).

Ora bem, verificamos, neste filosofar, que o homem racional não pode ser animal na animalidade, mas o animal na animalidade, com disciplina, pode ser homem humanizado. A diferença entre ver e acreditar para ver esta realidade consiste no homem consciente-racional que não julga senão com base em sinais suficientes e sobre uma matéria plena da animalidade do homem na vida diária, e no homem animal que vive como animal na animalidade mas que se apresenta como consciente-racional. Quer isto dizer que a lei do ser e a lei do agir não coincidem. Neste sentido, é preciso uma «nova aliança» entre o homem e a natureza, entre a vida e a ideia da vida, a vida e a lei da vida devem coincidir, se é possível esta conciliação (MICCOLI, 2006). A conciliação desta lei ética pode levar o homem a sair da animalidade para a racionalidade prática.

Neste sentido, a decisão diabólica nega a decisão ética. A vontade animalesca pressupõe a violência diabólica do indivíduo que se rejeita no humanismo ético. O indivíduo da decisão diabólica não se realiza no humanismo ético, e o homem da universalidade moral vive na razão ética. A essência racional do homem humanizado não se pode confundir com o agir animalesco do indivíduo que rejeita o humanismo ético. Quem confunde esta essência não consegue distinguir a violência diabólica da violência humana, do homem animal do homem humanizado, nem haveria necessidade de universalizar o indivíduo da violência diabólica na universalidade moral (WEIL, 2011).

O indivíduo quer absolutizar a vontade diabólica da sua decisão. Se a decisão da vontade diabólica pressupõe o indivíduo animalesco, então, a vontade diabólica não pode ser o critério da decisão ética. Esta consciência consciente do indivíduo que rejeita a moral concreta parece ser a vontade de um louco que rejeita “tudo o que não satisfaz a razão” (WEIL, 2011). A decisão ética não se conforme com a vontade diabólica que rejeita a moral concreta, porque a vontade diabólica participa da violência criminal que destruiu e destrói a humanidade do homem. A vontade diabólica

³ Um animal é por seu próprio instinto tudo aquilo que pode ser.

do indivíduo e a violência criminal do louco devem ser universalizadas no humanismo ético, porque a rejeição da razão ética e o formalismo da razão formam um indivíduo criminoso que se quer realizar sempre na vontade diabólica.

Se a moral concreta pressupõe o homem do discurso ético no humanismo ético, o indivíduo da violência diabólica cria um discurso com a função de “expressar o que não satisfaz o homem e a formular o que deseja” (WEIL, 2012, p. 19). O indivíduo da violência diabólica não é feliz porque trocou a razão ética por razão animalesca. Assim, o sentido da vida no Sentido forma uma sociedade baseada no humanismo ético contra a violência diabólica. A luta contra a violência diabólica torna-se uma luta da sociedade humanizada que pretende universalizar o indivíduo no humanismo ético. Se a razão ética baseada no humanismo ético não conduz à razão animalesca, então, a razão animalesca precisa da razão ética vivida na moral concreta. O homem da razão ética é razão no humanismo ético, mas, quando se quer indivíduo, pode agir como animal na animalidade. E, quando se quer razão ética, vive sempre a moral da ação ética na moral concreta.

De quem depende a perfeição moral do indivíduo? Se se quer humanizar o indivíduo na razão ética, então, a perfeição do humanismo ético do indivíduo radica-se no Sentido e na Sabedoria. Por isso, o indivíduo da violência diabólica que rejeita a moral concreta pressupõe uma educação humanizada para participar na felicidade que tem como critério o Sentido e a Sabedoria (WEIL, 2011). Para Weil, a vontade diabólica que se quer sempre violência diabólica não é o critério da felicidade do indivíduo. Assim, a decisão da razão ética no humanismo ético, que se vive na moral concreta, deve universalizar o indivíduo na universalidade moral porque a vida ética se caracteriza como libertação e superação da violência diabólica. Ora, a não-violência deve pautar a vida ética do indivíduo que se universalizou na universalidade moral porque se tornou homem ético.

No pensamento weiliano, a vida boa não pressupõe a vida moral, mas a vida moral pressupõe sempre a vida ética. Logicamente falando, podemos interpretar a vida boa que não pressupõe a vida moral como a vida do indivíduo da violência diabólica que busca a felicidade mesmo na infelicidade da destruição do outro e da humanidade. E a vida ética que pressupõe sempre a vida ética como a vida do homem da razão ética que busca o dever de ser feliz no Sentido e na Sabedoria. A vontade da violência diabólica e a violência diabólica do indivíduo estão sempre numa decisão entre a razão ética e a violência animalesca. O indivíduo, enquanto violência diabólica e não razão ética, não participa na educação humanizada porque lhe falta a universalidade moral no humanismo ético. Se o homem ético busca a felicidade na sua vida, então, existe um critério que determina a felicidade do humanismo ético do homem.

Neste sentido, a boa consciência do humanismo ético e da educação humanizada do homem, não se pode caracterizar na ética do bom senso individual que rejeita a moral concreta. A educação ética na vida social é uma educação universalizada porque “é a universalidade que funda em razão o direito do indivíduo à sua individualidade, à sua personalidade” (WEIL, 2011, p. 194). É assim que a individualidade pressupõe a universalidade e a universalidade, a universalidade moral. A universalidade moral deve engendrar o indivíduo da violência diabólica no humanismo ético da vida social. Então, a moral concreta é necessária na vida do indivíduo da violência diabólica, para se realizar na universalidade moral e na condição humanizada.

A violência diabólica que rejeita a moral concreta, rejeita a universalidade moral na moral da acção. Por isso, encontra o sagrado na disputa da técnica como organização da violência diabólica. Este sagrado deve ser vivido na integração da vida moral formal e aplicada, formando uma sociedade ética, sociedade civil ética, comunidade ética e um Estado ético, isto é, um reino de virtude, onde o homem possa merecer o título do homem no sentido humano. Por isso, parafraseando Weil, podemos dizer que a animalidade é um problema para racionalidade, mas a racionalidade não o é para a animalidade, visto que a animalidade não tem sentido senão para a racionalidade – para a racionalidade que é negação da animalidade (WEIL, 2012).

Haverá uma diferença entre educação domesticativa e educação humanizada? Se a educação domesticativa leva o indivíduo a repetir a consciência dos outros, a educação humanizada faz reflectir o ser humano sobre o sentido da vida e a vida no sentido. A educação domesticativa concebe o indivíduo como uma consciência mecanizada, mas a educação humanizada universaliza a consciência do ser humano no critério universal da acção ética educativa. A educação domesticativa pressupõe a instrução que coisifica o ser humano através da eficácia económica. Enquanto a educação humanizada forma o ser humano na consciência pensada do sentido da própria vida, a educação domesticativa maquiniza o sentido da vida do ser humano na sua coisificação.

Por isso, o discurso ético na educação social deve universalizar este animal domesticado e mantido na sua coisificação no humanismo ético, para levar uma vida pensada e saber questionar-se sobre o sentido da sua vida na sociedade instrumentalizada pela técnica que considera a pessoa humana como calculista. A educação social no discurso ético reduz a animalidade no homem e luta contra a violência diabólica que não faz parte do ser humanizado. A educação domesticativa educa o ser humano à coisificação e não à liberdade e para a liberdade da vida sensata. Assim, o discurso ético e filosofia social na educação pública, é necessário porque o indivíduo coisificado, somente, poderá modificar as estruturas violentas da sociedade, passando por este tipo de educação pública humanizada.

Portanto, podemos dizer que o homem é homem e não animal enquanto participa da razão ética. Não é animal enquanto agir racionalmente como homem humanizado. Mas se a natureza da animalidade é no homem (KANT, 2008), o homem não é racional no sentido puramente filosófico. Neste sentido, a filosofia, enquanto fundamento da educação racional, é importante, para que leve o homem animal e a humanidade à razão ética e humanizada.

1.2 O HOMEM HUMANIZADO

De que modo se deve humanizar a violência do homem diabólico? Porque se deve humanizar a violência do homem diabólico? O coração humano é fonte de amor, mas também fonte da qual pode brotar o mal. Desde o existir do ser humano sobre a face da terra, a violência tem acompanhado a história da humanidade. Apesar disso, o ser humano foi criado para o bem. Assim, o mal ou a violência não é a essência do homem, mas é um acidente. E se o mal é um acidente no homem, então, deve ser combatido através da educação humana baseada na ética da não-violência e na civilização do amor, para o homem voltar a viver a sua verdadeira humanidade como é concebida desde as origens.

Para superar este mal ou violência no homem, é necessário educar o homem aos verdadeiros valores e princípios: é necessária “a moralização [humanização]do mundo e do indivíduo *hic et nunc*” (WEIL, 2011, p. 159). Ora, o maior destes valores é o amor: o amor é a mãe e a forma das demais virtudes. Assim, é necessário instaurar na humanidade a ‘civilização do amor’. A ‘civilização do amor’ leva o homem a superar as divisões, os conflitos, as violências de todo tipo: leva o homem a instaurar a paz ou a não-violência na humanidade.

A educação humana baseada na ética da não-violência e na civilização do amor leva o homem a reconhecer a sua plenitude humana; contribui para a formação da conduta moral do ser humano. Para Weil, esta educação faz um progresso moral, porque é a aplicação da ética e do amor na comunidade: é, portanto, a educação da humanidade. O homem, enquanto ‘animal pensante’, deve negar a violência com a educação humana baseada na ética da não-violência e na civilização do amor. O homem vive na comunidade, onde a violência é uma possibilidade, mas educado em valores⁴, o homem vive na não-violência e na civilização do amor para se dignificar como humano.

A educação humana conduz o homem a uma vida sensata, afastando-o da violência, das tendências ou do desejo violento diabólico para seguir a via do bem que se vive no humanismo integral, na ética da não-violência e na civilização do amor. A educação tem como fim a

⁴ Aqui a educação de valores é compreendida na educação humana baseada na ética de não-violência e na civilização do amor.

humanização do homem que vive na sociedade, ou seja, é um meio da humanização do homem que vive numa comunidade.

Quando se fala em humanização do homem, fala-se em educação humana baseada no humanismo integral da não-violência e civilização do amor, trata-se de reencontrar o sentido da vida. Por isso, esta educação não pode ser ideológica, porque a educação ideológica não humaniza o homem: a educação ideológica torna o homem violento. Em Weil, o valor humano do homem, na sua essência, revela-se na educação humana baseada na ética da não-violência e na civilização do amor. É assim que, para Weil, a violência deve desaparecer do mundo e o indivíduo deve ser universalizado para viver feliz e humanizado na não-violência e na civilização do amor.

Assim, o homem humanizado no humanismo ético e na civilização do amor surge como solução ética para uma vida social e comunitária onde reina a guerra. O homem humanizado na cultura humana sabe o que é o bem e o que é o mal. O homem humanizado na ética da não-violência e na civilização do amor, revela-se como valor no problema da vida humana. A vida humana, sem valor humano, torna-se uma vida violenta: uma vida sem sentido no Sentido. O homem humanizado na ética da não-violência e na civilização do amar deve ser a chave da cultura de valores: o homem humanizado no humanismo ético e axiológico surge em virtude de um novo universo cultural.

A cultura do diálogo e a formação humanizada baseadas na educação da não-violência e na civilização do amor contribuem para a superação da violência. Como os valores são necessários na sociedade, o critério da educação do homem humanizado, baseado na ética da não-violência e na civilização do amor, deve ser também universalizado, porque é necessário o valor ou um valor humano no humanismo ético e axiológico à cultura violenta do homem moderno.

Assim, a visão unitária da vida e do saber, como valores globais, revela-se no homem humanizado baseado na ética da não-violência e na civilização do amor. Temos a possibilidade e podemos viver como homens humanizados à não-violência e à civilização do amor. Uma educação sem humanismo ético e axiológico forma um animal bem nutrido na maldade. Ao passo que a educação humana baseada na ética da não-violência e na civilização do amor é necessária porque nos torna animais bem nutridos na prática do bem. Assim, o homem deve ser disciplinado, cultivado, formado, moralizado, civilizado à não-violência, ao humanismo ético e às escolhas axiológicas e transcendentais, visto que “a animalidade prejudica a humanidade” (KANT, 2020, p. 19).

A educação humana baseada na ética da não-violência e na civilização do amor é uma necessidade para a vida do homem em sua plenitude, porque o homem educado nos valores éticos fundamentais e transcendentais, não procura superar a violência com a violência, não chega à não-

violência e à civilização do amor por meio da violência, como se faz em política ideológica e desumana. Na verdade, “a não-violência assume em política a forma de violência contra a violência” (WEIL, 2006, p. 10). Pois, a não-violência que assume a forma da violência contra a violência é reactivamente violência, porque a exigência universal da não-violência se baseia nas formas violentas e na potência da coerção estatal: a política manifesta-se na violência contra a violência. Assim, o Estado ético, filosófico e educador, deve dialectizar a ética na política e a política na ética, através da educação humana baseada na ética da não-violência e na civilização do amor, sendo a não-violência e a civilização do amor como seu fim último. Se a educação não anula a violência que se encontra no homem, a educação humana baseada na ética da não-violência e na civilização do amor leva-o a viver na sua humanidade.

Se somente o homem humanizado à não-violência e à civilização do amor pode agir humanamente e estar inserido num sistema político organizado, então, a violência deve ser superada através da educação humana baseada na ética da não-violência e na civilização do amor: não é isso que Weil chama violência humana? O homem deve ser humanizado a procurar a felicidade, o bem social nos valores culturais e morais que o humanizam e o levam à não-violência e à civilização do amor. A educação humana, na sua humanização e civilização, deve levar o homem a ser autenticamente humano na sua acção e convivência.

No entanto, o valor educativo de uma sociedade não pode ser estabelecido pelas ciências produtivas, mas pela dignidade antropológica e ontológica da pessoa humana. Os valores económicos sem a dignidade humana, tornam o homem um ser violento. Assim, onde não há educação humana baseada na ética da não-violência e na civilização do amor, a felicidade que não é felicidade pode ser a miséria do outro. A sociedade que despreza este tipo de educação baseada na ética da não-violência e na civilização do amor cria uma sociedade com a cultura violenta.

Uma sociedade que desqualifica a dignidade da pessoa humana, opta por uma política da violência contra o ser humano. Uma sociedade como esta não pode ser considerada humanizada e racionalizada, porque se desqualifica no humanismo do homem humanizado.

Assim, a educação que não é pautada por valores morais, culturais, sociais, políticos e religiosos é uma educação desumana, porque o maior interesse da educação humana é o homem na sua humanidade: o ser humano deve ser humanizado em sua totalidade. Humaniza-se o ser humano que faz a ciência e que se desvaloriza na ciência, porque ninguém se realiza como cientista, mas como ser humano.

A educação humana procura evidenciar o sentido da vida humana e o sentido da vida humana manifesta-se na educação da não-violência e na civilização do amor. Apesar dos diversos condicionalismos sociais e culturais que podem influenciar positiva ou negativamente o homem, o

homem é responsável da qualidade do seu ser e agir. Tudo depende da sociedade que lhe engloba, das escolhas axiológicas e transcendentais que faz e da cultura que se quer nutrir na sua consciência. Se a educação humana pode propor os modelos para uma vida sensata à humanidade, a não-violência e a civilização do amor baseadas na educação humana priorizam a humanidade do homem.

O sentido da vida humana não pode ser banalizado e esquecido em qualquer educação e sociedade. A educação humana, baseada na ética da não-violência e na civilização do amor, consiste em restabelecer o verdadeiro significado da vida humana e humanizada. A educação humana não dá receitas nem cura os males morais, mas leva o homem a tomar consciência de tudo o que procura desvalorizar a sua dignidade antropológica e ontológica⁵.

No entanto, sem educação humana baseada na ética da não-violência e na civilização do amor, a consciência animalesca na animalidade do homem marcará a prática da sociedade. Por isso, o agir do homem humanizado tem de se manifestar como reflexo da educação humana baseada na ética da não-violência e na civilização do amor. É o que Weil sintetiza: “nada de humano se fez, nada de humano jamais se fez sem educação” (WEIL, 2011, p. 60). A educação deve levar o homem a rejeitar a violência que se encontra nele e a cultivar os valores humanos para viver a sua humanidade na não-violência e na civilização do amor.

Se não pode existir o bem sem que este pressuponha o Bem, quem desconhece o Bem, não pode fazer o bem. Aliás, pode conhecê-lo e ignorá-lo: é o caso da violência diabólica ou pura (guerra). Se os homens são iguais diante da moral, então, não se deve fazer ao outro o que não se quer que nos faça. Este fundamento moral hebraico-cristão é o que Weil sustenta no sentido positivo: “deve-se fazer por ele tudo o que se espera dele” (WEIL, 2011, p. 132) [faça aos outros o que gostaria que te fizessem]. Este princípio, universalizante do preceito do amor ao próximo, da educação humana baseada na ética da não-violência e na civilização do amor, proíbe responder à violência com a violência: guerra com a guerra.

Assim, o amor ao próximo pressupõe o amor a Deus: quem diz amar a Deus e não ao próximo, nem a Deus ama; e quem diz amar ao próximo e não a Deus, nem ao próximo ama. É o que Weil esclarece: “o homem compreende-se em Deus” (WEIL, 2012, p. 271), isto é, o ser do homem explica-se no e pelo Ser divino. Ora, Nietzsche ao proclamar a morte de Deus, proclama a morte do próximo incitando-o à violência. Ou seja, quem nega o Bem, nega também o ser humano. Assim, a rejeição deste Bem está na base de todas as guerras e violências.

⁵ Pasquale Salvucci considera Eric Weil como ‘o último dos filósofos clássicos’ (SALVUCCI, 1977). Salvucci aludia ao filosofar sistemático e ao estilo do filosofar de Weil que argumenta para grandes conceitos reconduzidos *ad unum*, porque o sentido da vida humana, em qualquer época da história, é uno. É aqui, para Salvucci, onde repousa a classicidade da filosofia de Weil: uma filosofia voltada à conciliação e não à contradição, em virtude da compreensão razoável da contradição, mesmo quando esta toma o rosto extremo da violência pura (WEIL, 2012).

Ora, desta forma, surge a cultura da violência, de desamor e desvalorização do ser humano. Pois, são “épocas nas quais a razão se faz violência” (SALVUCCI, 1978, p. 428). Quem tira Deus do centro, cria suas leis e as leis criadas sem Deus são leis contra Deus e, conseqüentemente, contra o ser humano. Como o homem é feito para o bem e não para a violência diabólica, deve-se libertar e superar a violência diabólica através da humanização. No entanto, a civilização do homem pelo amor ao bem, leva-o a humanizar a experiência social de cada homem que vive sozinho e isolado.

Se a violência diabólica surge da razão que se faz violência, a civilização do amor nasce da educação humana baseada na ética da não-violência. Assim, o dever de justiça unido ao dever de prudência, como ‘se deve fazer por ele tudo o que se espera dele’ de Weil que nos faz compreender a relação estrutural que a sua filosofia mantém com a religião e, de modo privilegiado, com a tradição judaico-cristã, significa este convite que leva o indivíduo a abandonar a violência, as guerras, o ódio para manifestar a razão humanizada que se vive na não-violência e na civilização do amor.

Ora, o carácter humanizado, educado e civilizado, nega a dinâmica económica e comercial da violência. É neste sentido que se deve recuperar o carácter verdadeiramente humano de todo o indivíduo e de todas as relações entre os humanos, fazendo um convite a civilização do amor que supera todas as lutas ideológicas e políticas: a educação humana baseada na ética da não-violência e na civilização do amor.

Pois, a educação humana na ética da não-violência deve estar no centro das questões ligadas à humanização e à civilização do ser humano. O homem, que se libertou e superou a violência diabólica, manifesta o seu humanismo ético e axiológica na não-violência e na civilização do amor. Assim, na linguagem do Papa Francisco (2019), a educação humana baseada na ética da não-violência e na civilização do amor promove a paz mundial e a convivência comum entre os homens.

Neste sentido, podemos compreender a função do diálogo e da discussão baseada no Bem como forma de anular e superar a violência na comunidade. A comunidade busca o Bem, o Bem é realizado pela virtude: “o único objecto da discussão é o Bem, quer o chamem de Cidade, de Virtude ou de Sabedoria” (WEIL, 2012, p. 191). É preciso que haja educadores da humanidade na civilização do Bem e na ética da não-violência. Compreende-se assim a necessidade do homem humanizado, mestre e médico da humanidade para fazer renascer entre os homens uma aspiração mundial à paz social e a dignidade do ser humano, formando uma única Humanidade.

Assim, onde há amor, a violência fica civilizada, mas onde não há amor, há guerra, conflitos e perseguições por motivos raciais e religiosos, e tanta violência contra a dignidade humana. Na verdade, “estas situações de violência vão-se multiplicando cruelmente em muitas regiões do mundo, a ponto de assumir os contornos daquela que se poderia chamar uma terceira guerra

mundial por pedaços” (FRANCISCO, 2016, p. 49). O fundamento antropológico e ético do homem não está na violência do indivíduo, mas na universalidade do mundo e da comunidade humana. O individualismo radical é a causa da violência ou guerra diabólica.

A não-violência e o amor levam o homem a viver e conviver com todos numa comunidade. Mas o homem deve ser educado à civilização do amor, porque o homem não civilizado ao amor e à não-violência pode tornar este amor num sentimento violento. É assim que o homem humanizado, enquanto ente político-ético-educador, deve promover um trabalho de maturidade do ser humano e da sociedade nos diversos âmbitos da vida humana que conduzem a um desenvolvimento integral, que o levam a realizar-se na paz e no amor civilizado.

Se a guerra violenta nega reconhecer a dignidade inalienável de todo o ser humano, a não-violência e a civilização do amor devem humanizar a guerra violenta e os violentos da guerra; não devem existir homens incentivados à guerra violenta, mas homens incentivados à educação humana baseada na ética da não-violência e na civilização do amor. Assim, “a razão, por si só, é capaz de ver a igualdade entre os homens e estabelecer uma convivência cívica entre eles, mas não consegue fundar a fraternidade” (BENTO XVI, 2009, p. 655).

No entanto, se o totalitarismo moderno pressupõe a rejeição do humanismo ético do ser humano, a violência diabólica consiste em desviar-se dos valores fundamentais (JOÃO PAULO II, 1991). O homem que não quer realizar a sua humanidade no humanismo ético, torna-se indivíduo diabólico.

Na lógica weiliana, o homem humanizado que escolheu a razão ética na civilização do amor, não como ‘atitude’ na ‘categoria’⁶, mas como ‘categoria’ na ‘categoria’, isto é, o viver como homem humanizado, nunca volta a ser um violento da guerra, visto a razão ético-humanizada ser negação da guerra violenta. Na verdade, o homem humanizado superou a guerra violenta com a razão ética.

A essência racional do homem humanizado, nunca se pode confundir com o agir animalesco do indivíduo da guerra violenta. O homem pode agir como animal na animalidade (violência diabólica) mas, animalidade não tira a essência racional do homem humanizado. Quem age como violento diabólico, rejeita a razão ético-humanizada e torna-se indivíduo da guerra violenta. Assim, o indivíduo da guerra violenta que se nega no humanismo ético deve ser humanizado e integrado na universalidade moral, porque pode agir ora como razão ética ora como violência diabólica.

Ora, esta solução faz um convite à civilização do amor que transcende todas as guerras ideológicas e políticas da guerra diabólica, a fim de valorizar o ser humano nos seus valores

⁶ Categoria deve ser entendida aqui como o conceito sob o qual se organiza e ganha tudo o que os homens fazem sob uma determinada atitude. Ela é a categoria de uma atitude pura e irreduzível, cuja pureza e irreduzibilidade lhe vêm do discurso que ela produz. Categoria deve ser entendida aqui como filosófica e não metafísica.

fundamentais. Assim, o homem que se libertou e superou a guerra, através da educação humana baseada na ética da não-violência e na civilização do amor, promove a paz humanitária e a convivência sócio-política entre os homens no humanismo ético e na universalidade moral. A ser assim, viver-se-ia a não-violência no mundo humanizado porque a guerra se transformaria em não-violência (WEIL, 2012). A razão que se necessita no mundo da guerra diabólica é uma razão humanizada, uma razão que humaniza o homem na sua animalidade. Na verdade, o homem humanizado é um animal que nega a animalidade na sua acção ética e humanizada.

Por fim, o homem da guerra deve ser educado e conduzido ao bem, porque a sua racionalidade prática e o seu humanismo ético estão condicionados à animalidade e ao desumanismo, porque inverteu a racionalidade prática em animalidade e o humanismo em desumanismo. A educação humana baseada na ética da não-violência e na civilização do amor humanizam o homem para a paz e não para a guerra, reconhecem os valores fundamentais da humanidade comum e transcendentais que buscam construir e dialogar, a formar um mundo harmonioso, porque quem não se civilizou na educação humanizada, não consegue construir um mundo onde reine a não-violência e a civilização do amor. A violência diabólica encontra fundamento somente no indivíduo que se nega como razão ética, que não se civilizou e não se quer humanizar na universalidade moral.

Referências bibliográficas

- BENTO XVI, Carta Encíclica *Caritas in veritate* (29 de junho de 2009), n. 19: AAS 101 (2009), p. 655.
- FRANCISCO, Mensagem para o 49º Dia Mundial da Paz de 2016 (8 de dezembro de 2015), n. 2: AAS 108 (2016), p. 49.
- FRANCISCO; AHMAD AL; TAYYEB, Documento sobre a fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum (Abu Dhabi, 4 de fevereiro de 2019): *L'Osservatore Romano* (ed. semanal portuguesa de 5/2/2019), p. 21.
- JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Centesimus annus* (1 de maio de 1991), n. 44: AAS 83 (1991), p. 849.
- KANT, I., *A Religião nos Limites da Simples Razão*. Lisboa: Edições 70, 2008.
- KANT, I., *Sobre a Pedagogia*. Lisboa: Edições 70, 2020.
- MELISSANO, F., *Introduzione all'opera di Eric Weil. Lineamenti di un percorso ético*. Roma: Stamen, 2017.
- MICCOLI, P., *Umanesimo del terzo millennio*. Roma: UUP, 2006.
- RIKOEUR, P., *Etica e morale*. Brescia: Morcelliana, 2007.
- SALVUCCI, P., *È morto il filosofo Eric Weil*. In «l'Unità», n. 31, 4 febbraio, 1977, p. 3.
- SALVUCCI, P., "Eric Weil: Ragione e politica". In *Politicità della filosofia*, Urbino, Argalia, 1978, pp. 422-498.

WEIL, E. *Violenza e libertà*. Scritti di morale e politica. A cura di A. Vestrucci. Milano: Mimesis, 2006.

WEIL, E. *Filosofia Moral*. Trad. M. Perine. São Paulo: É Realizações, 2011.

WEIL, E. *Filosofia Política*. Trad. M. Perine. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2011.

WEIL, E. *Hegel e o Estado*. São Paulo: É Realizações, 2011.

WEIL, E. *Lógica da Filosofia*. São Paulo: É Realizações, 2012.